



## **Saúde Alimentícia: Um olhar a partir da Seção *Ciência&Vida* do Jornal *A Tarde*<sup>1</sup>**

Karlos Vynícus Teles Silva<sup>2</sup>  
Maria de Fátima Ferreira<sup>3</sup>

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

### **Resumo**

Este artigo tem como objetivo analisar onze matérias classificadas em *Saúde Alimentícia*, publicadas no caderno *Ciência&Vida* do Jornal *A Tarde* da Bahia, no período de outubro de 2007 a setembro de 2008, com a preocupação maior de verificar quem foram as fontes de notícias. A partir dos resultados da pesquisa concluiu-se que enquanto em *Saúde* as mulheres não são vistas como fontes prioritárias das reportagens, em *Saúde Alimentícia* elas estão incluídas como fontes de informação justamente devido a associação feita entre elas, a cozinha e o cuidado do lar.

### **Palavras-chave**

Jornalismo Científico; Alimentação; Gênero; Bahia

### **1. Introdução**

O jornalismo especializado em ciência tem como um dos principais objetivos, informar a população em geral, aspectos do meio científico que influenciarão, num futuro não muito distante, no dia a dia da própria sociedade. Neste tipo de jornalismo deveriam ser consultadas diferentes vozes dos mais variados ramos da ciência, porém quase sempre são homens os entrevistados e ditos por especialistas nos assuntos, tendo o poder da verdade. Por causa disto, nos inquietou saber como as mulheres são conceituadas dentro do jornalismo científico, questionando, sobretudo a cerca delas aparecerem em temáticas relacionadas a alimentação e não em outros quesitos. Após relacionar estes temas foi feita uma pesquisa que buscou esclarecer alguns

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no DT6 – Interfaces Comunicacionais do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 4º. semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. (UFRB).

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).



questionamentos com relação a participação feminina na seção *Ciência&Vida* do jornal *A Tarde* da Bahia, associando a isto, a ligação sociocultural entre elas e o lar, sobretudo a cozinha.

Por falar em cozinha, a alimentação saudável é um tema que provoca inquietação entre diversas pessoas. Saber a forma correta de se alimentar, como selecionar bem os alimentos, são dúvidas que fazem parte da rotina de boa parte da população brasileira. O acesso a uma alimentação rica em nutrientes, que garanta o bem estar e a qualidade vida da população mundial é um direito assegurado pela ONU desde 1948.

Esta pesquisa trata-se, portanto, de um projeto maior intitulado “*Ciência&Vida* no Jornal *A Tarde* da Bahia”, desenvolvido pelo Grupo de Estudo e Pesquisa *Cultura Científica, Gênero e Jornalismo*, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). A princípio foram catalogadas 297 reportagens durante o primeiro ano da seção que abrangeu o período de outubro de 2007 a setembro de 2008. Logo após foi feito um recorte, restringindo o estudo a aquelas matérias que faziam parte da temática de *Saúde Alimentícia*, num total de 11, que foram classificadas pela editoria do jornal em *Acarajé, Alimentação, Alimento, Chocolate e Nutrição*. Foram relacionadas à temática de *Saúde Alimentícia* os conceitos de gênero, observando como as fontes são retratadas dentro da seção devido às suas ocupações, além de contabilizar as reportagens que fazem parte ou não de pesquisa científica.

Após esta análise verificamos que 84,6% das fontes consultadas em *Saúde Alimentícia* são mulheres, resultado que se difere do obtido por FERREIRA(2012). Em pesquisa realizada em 2011, ela apontou que menos da metade das fontes do jornal são mulheres. Então questionou-se o porquê desta invisibilidade feminina no quesito *Saúde*, se elas apareciam quanto a temática é *Saúde Alimentícia*. Verificou-se que esta diferença é causada pela associação feita, ainda hoje, mesmo após diversas lutas feministas, entre a mulher e o cuidado do lar, sobretudo da cozinha e da alimentação.

Com base nestes dados, concluímos que apesar das lutas dos movimentos feministas, ainda persiste a discriminação em alguns setores, sendo necessário o combate ao preconceito de gênero que ainda se faz presente na sociedade atual. Se as mulheres aparecem como fontes de notícia, elas estão associadas a atividades tidas sócio culturalmente como femininas, por isso se faz necessário o combate a este tipo de preconceito que restringe a mulher utilizada como fonte de informação a falar apenas a respeito de assuntos relativos ao lar, ou ao cuidado do outro, a cozinha e a alimentação.



## **2.Revisão Bibliográfica**

### **2.1 Questões de Gênero**

Ao tratar sobre gênero muitos acreditam que este assunto se restringe a concepção de sexo, causando certa confusão entre as pessoas. Sexo está relacionado as diferenças corporais e reprodutivas entre o homem e a mulher, ou seja, a existência de pênis ou vagina, útero ou próstata, por exemplo. Já gênero, na verdade, vai muito além das diferenças sexuais, englobando as relações existentes entre o masculino, o feminino e os transgêneros, sendo estas instituídas pela sociedade. O papel que o homem e a mulher devem desempenhar, como devem se comportar, quais profissões se ocupar, por exemplo, tudo isso são normas sociais concebidas com o passar do tempo.

Durante longos anos a mulher foi vista de maneira inferiorizada pela sociedade, principalmente pelos homens e cientistas, que as viam apenas como máquina reprodutora e destinada aos cuidados do lar. A Ciência também contribuiu para que a mulher fosse vista com inferioridade, já que muitos dos trabalhos tinham como público-alvo apenas os homens.

Analisando os aspectos de gênero a partir das ideias de Mirian Adelman observa-se que desde muito tempo as mulheres buscam seu espaço dentro da sociedade, sendo a partir da década de 60 o período onde houve uma maior ascensão de movimentos feministas. Esses movimentos colaboraram para que tanto as mulheres como outros grupos ditos ‘subalternos’, como os negros e homossexuais, pudessem ter vez e voz num espaço ainda hegemonicamente patriarcal e heterossexual.

Buscando uma maior hegemonia e independência, algumas delas se revoltaram, protestando contra esta situação de inferioridade, dando origem as Ondas Feministas que propunham o fim do patriarcalismo e igualdade de direitos entre homens e mulheres. Desde as primeiras lutas até hoje, já houveram várias conquistas como o direito ao voto, a liberdade sexual e o ingresso no mercado de trabalho, apesar de elas ainda continuarem ganhando menos, ainda que se trate de mesmo nível profissional.

Ainda hoje observa-se que grande parte das obras produzidas tanto pela ciência nas academias, quanto em jornais de grande circulação, são de temática masculina, ocorrendo uma certa invisibilidade do trabalho de mulheres e para mulheres. Sendo assim “boa parte da produção discursiva moderna é a produção explícita de um discurso



dos homens sobre ‘o grande Outro’: a mulher” (Adelman:2009:86). Adelman evidencia que, se haviam poucos trabalhos envolvendo estudos feministas, muitos dos que existiam eram a partir de uma visão masculina e estereotipada a respeito das mulheres.

Somente a partir da década de 60 com os estudos de grandes nomes como Simone de Beauvoir, que as mulheres passaram a ganhar mais destaque no meio acadêmico e científico. Para a ciência até pouco tempo atrás se tinha a ideia que o lugar da mulher seria longe do laboratório, se dedicando exclusivamente as atividades domésticas, enquanto os homens se ocupavam com os assuntos relativos à ciência. Mesmo as poucas que conseguiam tornar-se cientistas precisavam ‘dividir-se’ entre o lar e os estudos científicos. Daí que algumas optaram em não ter filhos. Schiebinger aponta isto mencionando que

mulheres que se tornaram cientistas nos Estados Unidos ou na Europa vivem em dois mundos- o mundo da ciência e o mundo da condição de mulher – com expectativas e resultados muito diferentes. Estratégias para o sucesso aprendidas num mundo podem ser letais no outro. (Schiebinger:2001:140)

O movimento feminista busca justamente romper com esse autoritarismo e mostrar que a mulher tem seu devido valor, além de propor uma alteração na concepção social masculinista e mostrando que elas podem ocupar qualquer espaço dentro da sociedade da mesma forma que o homem.

Essa legitimação masculina é causada, sobretudo, pela mídia que pauta, na maioria dos casos, a mulher como um ser inferior que deve ser ‘dominado’ ou como um ‘objeto’ de prazer masculino. Como atesta Basthi (2011,p.40)

O sexismo produz um olhar perverso sobre a mulher, cuja imagem é a do objeto para consumo sexual, símbolo da sedução, descartável, superficial, submissa, sem autonomia sobre sua vida (e seu próprio corpo) e destinada a um papel secundário na sociedade. ( Basthi, 2011, p.40)

## 2.2 Gênero e mídia

No jornalismo atual percebe-se que na maioria dos casos existe uma tênue participação feminina. Tomando como exemplo o jornal de maior circulação na Bahia, *A Tarde*, FERREIRA(2012) conclui que a maioria das fontes ouvidas no assunto *Saúde*, em 2011, foram homens.

Portanto observa-se que mesmo após a ‘independência’ feminina ainda existe certa recusa em se aceitar que mulheres ocupem lugares de destaque, e mesmo quando ocupam seus salários são inferiores. Apesar das diversas conquistas dos espaços de



poder nos últimos anos, como a presidenta Dilma, o preconceito ainda existe e se observarmos as mulheres negras e indígenas ele é maior ainda.

Muitas vezes o jornalismo brasileiro deixa expor certa imparcialidade na forma tanto de retratar homens quanto mulheres. Na maioria dos casos são consultadas fontes masculinas, principalmente em áreas de poder e prestígio e quando há fontes femininas, a maior parte são mulheres brancas, legitimando justamente o que seria papel do jornalismo em combater: o preconceito de raça, sexo, religião, entre outros. O jornalismo acaba por legitimar a maneira como a sociedade deve se comportar, e isso se reflete nas questões de gênero a partir do momento em que o jornalista age como espelho da realidade, ou seja, ele deixa transparecer suas crenças e ideologias. Porém na maioria dos casos, o que é transpassado é uma forma discriminatória, em que as mulheres são vistas como objeto de desejo e prazer masculino.

Ao elaborar uma matéria, é papel do jornalista se desprender de qualquer tipo de preconceito que venha a possuir, além de que deve sondar as mais variadas fontes para que se tenha uma visão diversificada do fato, e isso compreende a consulta tanto a homens, mulheres e transgêneros, contemplando os diversos tipos de gêneros e dando tratamento de equidade para com cada um deles, independentemente da posição que ocupem na sociedade. Mesmo em espaços hegemonicamente masculinos, há sempre mulheres que tenham algum papel de destaque. Outra forma de deslegitimar, ou ao menos, minimizar o domínio masculino nas reportagens é se evitar o uso de expressões masculinas como por exemplo ‘o homem’ ao invés de ‘a humanidade’.

. Basthi acredita que a inclusão das representações de gênero como também da mulher na prática jornalística se dará a partir do momento em que o jornalismo seja verdadeiramente promotor da igualdade e reconheça esses grupos como construtores da sociedade. Para ela a inclusão

Começa com o compromisso ético profissional de combate à relação desigual de poder entre as mulheres e os homens e de subordinação das mulheres. Começa com a mudança do padrão nas narrativas e nas imagens escolhidas para a transmissão da equidade de gênero na mídia, nas quais as mulheres negras e indígenas passam também a ganhar destaque. Começa com o reconhecimento de pautas, coberturas e análises sobre problemas específicos que afetam esses grupos. Começa quando jornalistas passam a respeitar as mulheres negras e indígenas como fontes qualificadas para ilustrar qualquer tipo de reportagem. Começa quando profissionais da imprensa assumem o propósito de visibilizá-las positivamente por meio de textos, sonoras e imagens na mídia. Começa na medida em que um noticiário plural, promotor da cidadania, da igualdade e da justiça e demarcado pela diversidade de gênero, raça e etnia passa a ser uma meta diária de toda



### 2.3 Alimentação

Desde crianças que muitas meninas são educadas e estimuladas a exercer seu papel de dona de casa. E isto inclui entre outras atividades domésticas, o preparo de alimentos ‘de brinquedo’ e conseqüentemente sua estadia na ‘cozinha’. São inúmeros e variados os brinquedos que associam a infância com os serviços domésticos. Mesmo como uma brincadeira, a função que elas devem desempenhar no futuro já fica estabelecida.

Ao crescerem, essas meninas tornam-se donas de casa e já habituadas aquelas ‘brincadeiras’ veem o fato de cozinhare e passarem boa parte do tempo na cozinha como algo ‘natural’. Terem de dividir-se entre trabalho e serviços domésticos, que inclui o ato de cozinhar, passa a ser uma coisa comum. Porém ao serem observadas as relações de gênero percebe-se que estes são fatores instituídos pela sociedade e que tanto mulheres quanto homens são capazes de exercerem as mesmas atividades seja dentro ou fora do lar.

Devido à ascensão feminina e sua entrada maciça no mercado de trabalho, nos últimos anos, a própria indústria alimentícia adaptou-se a esta condição. O que se percebe atualmente é o desenvolvimento de produtos que sejam de fácil preparo, que ‘ajudem’ a dona de casa, porém, a maioria destes produtos perdem em qualidade e passam a serem um risco para quem consome estes produtos, podendo causar diversas doenças e danos à saúde. Prestar estas informações ao consumidor é um dos pilares do jornalismo de ciência.

É papel do jornalismo científico, além de divulgar resultados de pesquisa, servir como um meio para que o consumidor fique ciente das mazelas e benefícios da indústria alimentícia e assim possa escolher, dentre as diversas opções existentes no mercado, aquelas que melhor agradem a sua saúde.

Como observado por ASSUNÇÃO (2008), as relações de gênero são notadas a partir do momento em que convencionou-se socialmente que é papel do homem dispor de recursos para a compra de alimento, enquanto as mulheres estão incumbidas do preparo destes. A alimentação, muitas vezes associada a figura feminina, tem a ver com a relação de cuidado e sensibilidade da mãe para com os filhos. Segundo ASSUNÇÃO (2008) é a mãe quem sabe do gosto de cada filho e como preparar seu alimento. A



participação da mulher na cozinha tornou-se uma coisa tão ‘natural’ que, segundo a autora, é de se estranhar um homem saber cozinhar, sendo este uma exceção. Este fator, inclusive, relaciona-se a que a maioria dos programas televisivos de culinária possuem apresentadoras e serem exibidos próximo ao horário do almoço. Outro fato que relaciona o cuidado feminino com a alimentação é a existência majoritária de empregadas domésticas ao invés de empregados, devido justamente ao estereótipo discriminatório criado pela sociedade de que serviços do lar como também preparo de alimentos seria uma atividade essencialmente feminina.

Esta relação acabou por afirmar a cozinha como um espaço propriamente feminino, como ASSUNÇÃO (2008) explica:

Se o lar é o espaço da família, a cozinha é o espaço privilegiado da mulher, ou, especificamente, da intimidade entre mulheres (Rial 1988). É na cozinha em que pode ser verificado o protagonismo da *mãe* (utilizada, neste texto, como categoria nativa), especialmente no preparo da comida e na manutenção de um saber culinário, que lhe confere autoridade.

É na cozinha, de acordo com a autora, que a matriarca da família prepara toda a alimentação da casa, funcionando como uma serviçal, como aquela que está ‘pronta para os caprichos do senhor’, sendo a última a sentar-se à mesa. É a mãe, a avó, a tia, que na maioria dos casos está à frente da preparação dos pratos e não o patriarca. Isto é devido a questões culturais e de segregação de gênero, que acabou por colocar a mulher na cozinha, enquanto os homens preocupam-se com serviços na rua.

Portanto nota-se que desde muito tempo, atividades ligadas ao preparo de alimentos estiveram relacionadas com o cuidado feminino. Por isto, a alimentação mostra-se como um tema bastante propício para visualizarmos as relações de gênero como também os preconceitos existentes dentro do jornalismo e da própria sociedade ao tratar desta temática, como também observarmos seus vínculos com o jornalismo científico a partir da análise das matérias do jornal *A Tarde* da Bahia.

### **3. Objetivo**

Este artigo faz parte de um projeto de pesquisa maior intitulado *Ciência & Vida no jornal A Tarde*, desenvolvido pelo grupo de estudo e pesquisa *Cultura científica, Gênero e Jornalismo*, coordenado pela professora Maria de Fátima Ferreira, que tem como objetivo “realizar um estudo quantitativo e qualitativo da seção *Ciência & Vida*,



publicada pelo Jornal *A Tarde*, aos domingos, no período de 2007-2011” (FERREIRA, 2012: 14).

Esta parte da pesquisa consistiu em estudar as matérias classificadas como *Saúde Alimentícia*, noticiadas na seção *Ciência&Vida*, do jornal *A Tarde*, durante o primeiro ano de publicação da seção, de outubro de 2007 até setembro de 2008. As matérias classificadas como *Saúde Alimentícia* foram encontradas nesse primeiro ano da seção rotuladas pela editoria como *Acarajé*, *Alimentação*, *Alimento*, *Chocolate* e *Nutrição*. O tema será abordado a partir das teorias de gênero, jornalismo científico e cultura científica, já que questões de gênero não são repercutidas por grande parte da imprensa brasileira, ocorrendo uma invisibilidade por parte desta temática.

Os objetivos específicos foram, nesta ordem, fazer um panorama do primeiro ano de existência da seção *Ciência & Vida*, em seguida selecionar as matérias publicadas sob a classificação de *Saúde Alimentícia* e fazer a análise de conteúdo destas matérias, verificando e classificando as reportagens de acordo com o assunto de interesse, como também observar a origem destas, os jornalistas responsáveis, os assuntos abordados e as fontes consultadas, além de refletir sobre as possíveis diferenças de tratamento tanto entre os gêneros como também com relação ao cargo em que se ocupa.

#### **4. Metodologia**

A metodologia consistiu numa análise estatística da seção *Ciência&Vida* do jornal *A Tarde* durante o primeiro ano da seção, entre outubro de 2007 e setembro de 2008. Na análise estatística classificamos todas as matérias publicadas neste período de acordo com a classificação das reportagens pelo assunto feita pela editoria da seção, a (o) jornalista responsável pela matéria, número de páginas das seções da *C&V*, composição das páginas, tipos de colunas publicados na *C&V*, fotos e ilustrações publicadas na seção *C&V* e as propagandas publicadas. Após a classificação construímos tabelas e gráficos e procedemos a análise através das teorias de cultura científica, gênero e jornalismo científico. Essa parte da pesquisa foi realizada por todo o grupo de pesquisa.

Em seguida passamos a análise de meu tema de interesse que é a saúde alimentícia. Escolhemos as matérias classificadas pela seção em *Acarajé*, *Alimentação*, *Alimento*, *Chocolate* e *Nutrição*, e procedemos a mesma análise estatística usada para a





análise geral da seção. Nesta última análise foram observados além dos elementos que compõem as matérias, a forma como o jornalismo da seção *Ciência & Vida* do jornal *A Tarde* aborda questões de gênero e cultura científica ao longo das matérias.

## 5. Resultados

### 5.1 A seção *Ciência & Vida* entre outubro de 2007 e setembro de 2008

O jornal *A Tarde*, um dos maiores do país e o maior em circulação na Bahia, desde o início de sua trajetória, já centenária, conta com abrangência de conteúdos relacionados à Ciência e Tecnologia. Inicialmente, o jornal contou com a seção *Saúde e Vida*, mas como as professoras Márcia Rocha e Simone Bortoliero afirmam (2009, p.2), ‘foi somente em 2005 que verificamos uma abordagem sistematizada de jornalismo científico no maior jornal baiano’ com a seção *Observatório*, que durou quase dois anos, sendo substituída pela seção *Ciência & Vida*, em outubro de 2007. Segundo Rocha e Bortoliero a seção *Observatório* caracterizou-se pelo “uso de recursos didáticos para facilitar a compreensão do leitor, como os infográficos, os glossários e os quadros de serviços” (p.9), tendo ampla cobertura as questões ligadas a saúde. Em sua apresentação a seção *Ciência & Vida* já demonstrava seu objetivo em promover na população “hábitos saudáveis que possibilitem ao indivíduo conservar ou melhorar sua saúde”, como também mencionava que seriam dados destaques a questões referentes ao planeta Terra, ao espaço e as pseudociências.

Em todas as páginas da seção C&V, ao longo de suas 49 edições semanais analisadas, durante um ano, foi verificada a presença de reportagens, contendo imagens, ilustrações e infográficos como também propagandas. A seção era também formada, no período, além das chamadas e reportagens, por três colunas: *Curtas*, *Pergunte ao Pediatra* e *Observatório*. Do total de edições, 37% contavam com uma reportagem e propaganda; 14,71% com uma reportagem de página inteira e 9,43% com reportagem, chamada e propaganda.

As chamadas, que estavam localizadas geralmente na parte superior direita da primeira página da seção, correspondiam a pequenos textos-síntese que informavam ao leitor de forma bastante resumida, sobre uma reportagem localizada no interior da seção, geralmente era acompanhada por uma pequena ilustração ou imagem. Elas



ocorreram em 46 oportunidades, aparecendo em sua maioria nos meses de agosto e dezembro com 10,87%.

A coluna *Curtas*, de abrangência temática geral, apareceu num total de 89 vezes, sendo 93,25% destas compostas só por texto e 6,74% com texto e foto, já a coluna *Pergunte ao Pediatra* que compreendia matérias elaboradas pelo pediatra Augusto Sampaio, o qual retirava dúvidas de leitores a respeito do cuidado com bebês e crianças, apareceu 38 vezes ao longo do ano, numa média de aproximadamente 3 colunas por mês. A coluna *Observatório* contabilizou 42 aparições, sendo 71,42% delas com apenas texto e 28,58% com texto e imagem. A seção, que abordava assuntos relacionados ao espaço e cosmos, apareceu apenas entre outubro e março do período analisado, não constando após este período.

Foram divulgadas um total de 315 reportagens, sendo que foram excluídas da análise *Entrevista* e *Artigo*, que são outros gêneros jornalísticos, com isso temos 297 reportagens classificadas em diversos assuntos. Elas foram classificadas nas seguintes categorias: *Ciência&Tecnologia*, *Ecologia*, *Educação*, *Espaço*, *Eventos*, *Filosofia e Religião*, *História*, *Saúde*, *Saúde Alimentícia*, *Urbanização e Outros*.

Ao fazer análise tendo em vista os jornalistas responsáveis pelas matérias verificou-se que a maior parte delas foi assinada por Fabiana Mascarenhas (31%). Por outro lado, percebe-se também o grande número de agências internacionais, expondo certa fragilidade do jornalismo científico baiano na abordagem de temas de conteúdo local, se prendendo a repercutir pesquisas de fora do estado ou país. Sendo que foram catalogadas principalmente matérias da Agência Fapesp (21%), além de outras agências. Isto evidencia a alta concentração de pesquisas científicas no eixo sul-sudeste do país. Enquanto isso no nordeste a principal agência do estado baiano (Fapesb) nem é citada, nem os próprios jornais locais dão destaque a pesquisas realizadas por aqui, propagando apenas informações do sul do país. Com isso a população deixa de ser informada sobre desenvolvimentos científicos feitos em seu próprio estado para receber informações de pesquisas feitas em outros locais. Claro que estas pesquisas são também importantes, porém a notícia de interesse público local deve ser prioritária.

Considerando o total de 297 reportagens, destas 36,02% corresponderam ao quesito ‘Saúde’, assunto que recebeu maior número de publicações, logo após vieram ‘Educação’ com 12,12% e ‘Meio ambiente’ com 11,78%, enquanto que ‘Saúde Alimentícia’ abrangeu apenas 3,70% das matérias. Estes números demonstram a



intenção do jornal *A Tarde* em se priorizar temas relativos ao bem-estar, sendo que são destacadas matérias referentes à saúde e que são de interesse popular.

Verificamos ainda a presença de 398 propagandas de 105 empresas, estas se concentraram na divulgação de instituições ligadas a saúde, a educação, e também ao próprio jornal. As empresas mais divulgadas foram o próprio jornal *A Tarde* (12%), Carraci (5%), Faculdade Mauricio de Nassau (4%) e Dr. Eduardo Daltro (4%).

## **5.2 A Saúde Alimentícia no primeiro ano da seção C&V**

Nas páginas da seção *C&V* correspondentes aos assuntos relacionados a *Saúde Alimentícia* foi verificada a presença de reportagens com imagens, ilustrações e infográficos além de propagandas. Do total de 11 reportagens, 45,45% contavam com uma reportagem e propaganda; 18,18% com uma reportagem e chamada e 18,18% com reportagem, curtas e propaganda. Estas matérias foram divididas pela equipe editorial do impresso nos seguintes assuntos: *Acarajé*, *Alimentação*, *Alimento*, *Chocolate* e *Nutrição*. Neste estudo, conforme mostra o gráfico abaixo, verificamos que 36,36% das matérias referiam-se a *Nutrição*, assunto mais abordado, enquanto que os demais assuntos como *Acarajé*, *Alimentação*, *Alimento*, e *Chocolate* compreenderam 9%, 27,27%, 18,18% e 9%, respectivamente.

A maior parte (63,6%) das matérias analisadas é produto de pesquisa científica, nestas matérias em geral é apontado os riscos de uma má alimentação como também sugere-se formas mais saudáveis de se alimentar através de frutas e verduras. Tudo isto baseado em estudos científicos feitos recentemente por acadêmicos em sua maioria do sudeste do país. Constatamos que apesar do jornal ser destinado ao público baiano, não se destacam pesquisas feitas dentro do Estado e sim aquelas realizadas por profissionais de outras partes do país ou até mesmo do exterior.

Muitas matérias destinam-se a relatar a importância da moderação no consumo de alimentos específicos como panetone e chocolate. Deste modo há uma preocupação em alertar o leitor para que evite excessos, como também destaca a relevância de se observar atentamente os rótulos dos produtos em supermercados.

Com relação a quantidade de fotos e ilustrações, concluímos que 45,45% das matérias tinham apenas reportagem e uma foto e 18,18% reportagem, duas fotos e uma ilustração. As demais matérias contavam apenas com reportagem e 2 fotos; reportagem



e 3 fotos; reportagem e 1 infográfico; reportagem, 3 fotos e 1 infográfico, respectivamente, representando cada uma 9% do total.

Ao fazer análise a partir dos jornalistas responsáveis pelas matérias verificou-se que a maior parte delas foi assinada por Fabiana Mascarenhas (54,54%). Enquanto que a Agencia USP assinou 18,18% delas e Claudio Bandeira, Alex Sander Alcantara, da Fapesp, e Julio Bernardes, da USP, assinaram 9% respectivamente.

Foram utilizadas 27 fontes diferentes nas reportagens, sendo 84,6% mulheres e 15,4% homens, dando uma média de 2,45 fonte por matéria. Este dado enfatiza a preferência jornalística por mulheres como fonte jornalística quando o assunto tratado corresponde a saúde alimentícia, enquanto que homens são preferidos quando a seção aborda outras temáticas.

As notícias dão destaque sobretudo para profissionais especialistas como nutricionistas, endocrinologistas, psiquiatras, professores, como também estudantes e vendedores, sendo que estes últimos apenas opinam a respeito de pesquisas feitas por aqueles primeiros. As profissões que mais apareceram foram nutricionistas (35,7%) e professores (14,2%).

Classificando essas fontes a partir do gênero, vemos que as mulheres estão como fonte de notícia na maioria das reportagens (85,7%), esta maioria ocorre por causa da associação feita entre estas mulheres e a alimentação, não sendo este um indicativo que elas aparecem com maior frequência dentro do jornalismo. Em outras áreas elas não aparecem com tamanha assiduidade. Elas estão presentes em atividades referentes a prestação de serviços a outros ou ao cuidado da saúde, ocupando funções como nutricionistas, psiquiatras e professoras. Nestes casos, estas mulheres são líderes das pesquisas.

Outrora elas também são consultadas como meras fontes de opinião, usuárias do conhecimento, o qual não exercem poder de domínio, sendo estas, vendedoras ou estudantes. Enquanto isso as fontes masculinas consultadas são, majoritariamente, os próprios coordenadores de pesquisa, sendo estes os possuidores do conhecimento. Isto realça a conclusão feita por FERREIRA (2012) a qual afirmava que “os homens aparecem como possuidores do conhecimento, representantes da Saúde e Medicina e as mulheres como usuárias desses conhecimentos”. De todas as fontes analisadas 71,42% possuíam conhecimento direto a respeito do conteúdo reportado, enquanto que 28,58% apenas informavam sobre o uso deste conteúdo, não possuindo noção mais aprimorada a respeito do mesmo.



Quando analisamos as matérias sobre Saúde Alimentícia a partir das fontes que são coordenadoras ou líderes de pesquisa vemos que 63% delas são mulheres e 37% homens, ratificando o dado que aponta a maioria feminina em assuntos ligados ao ‘domestico’ ou a saúde.

Sobre as universidades citadas nas matérias, foi mencionada apenas uma universidade de fora do país, a Universidade do Alabama (EUA), através da pesquisadora Glória Benavides (A Tarde, 11/11/2007, p.34) enquanto que foram citadas 4 brasileiras. A Universidade de São Paulo é a que mais aparece na seção com a participação de 4 fontes: o psiquiatra Artur Kaufman (A Tarde, 06/04/08, p.35), o professor Marco Antônio Trindade (A Tarde, 23/12/2007, p. 36), as nutricionistas Samantha Caesar de Andrade (A Tarde, 13/04/2008, p. 31) e Elci Almeida (A Tarde 15/06/2008, p.36). A Universidade de Brasília ocupa a segunda posição com participação de 2 fontes: a antropóloga Gerlaine Martini (A Tarde, 06/07/2008, p. 33) e a nutricionista Elisabeta Recine (20/07/2008, p. 29). A Universidade Federal de Pernambuco e a Universidade Federal da Bahia são as menos consultadas como fontes, apesar da proximidade da região, com apenas uma fonte cada, a nutricionista Karina Silveira (A Tarde, 07/09/2008, p.36) e a professora Lilian Lessa (A Tarde, 20/07/2008 , p 29), respectivamente. A Universidade Federal do Recôncavo da Bahia não aparece na lista.

A hegemonia de universidades de outras regiões, corrobora com a tendência do jornalismo baiano em destacar pesquisas de outros estados em detrimento de estudos feitos nas próprias academias. Isto acaba por dificultar tanto o acesso da própria população a estudos que as beneficiem, como também impede a propagação do conhecimento e atrapalha que novos financiamentos aconteçam, pois se as pesquisas não são vistas conseqüentemente seu êxito é limitado. Cabe ao jornalismo baiano e nordestino em geral , ceder espaço a divulgação de projetos científicos de nossa própria região para que assim ela se desenvolva e obtenha, enfim, o respeito e reconhecimento a qual merece.

## **6. Conclusão:**

Conclui-se que a seção *Ciência & Vida*, do Jornal *A Tarde*, durante seu ano inaugural acabou por abordar a temática de *Saúde Alimentícia* de forma a priorizar a divulgação de notícias, que na maior parte dos casos, informam os perigos de uma



alimentação desequilibrada além de aconselhar o leitor a respeito das maneiras mais saudáveis de selecionar os alimentos, e conseqüentemente evitar doenças, obtendo uma vida saudável. Estas matérias em sua maioria, foram baseadas em pesquisas feitas por cientistas de diversos estados do país. Notamos que embora seja feito tendo em vista o público baiano, não é dada a preferência pelo jornal a estudos feitos no próprio estado e sim são destacadas pesquisas de outras partes do país ou até mesmo do exterior. É através dos meios de comunicação que a população é informada sobre diversos aspectos que compõem a sociedade e esta ausência de informações a respeito de pesquisas elaboradas no Estado impede que uma significativa parcela da sociedade tenha acesso a informações sobre estudos científicos elaborados não só no estado, mas sobretudo nas universidades federais e estaduais existentes no território baiano.

Quanto às questões de gênero, nas matérias sobre *Saúde Alimentícia*, as mulheres formam a maioria das fontes de informação. Desta forma, à primeira vista, temos a impressão de que elas finalmente conseguiram o espaço tão almejado de igualdade dentro da sociedade, já que representam número majoritariamente superior às fontes masculinas. Porém, analisando a fundo vemos que este dado está diretamente ligado ao vínculo sócio-cultural existente que associa as mulheres à cozinha e ao cuidado do lar. Com base nisso, ao tratar destes assuntos, foram consultadas mulheres e não homens. E aí que está a questão, o porquê de em pleno século XXI as mulheres ainda serem relacionadas a este tipo de assunto. Este fato é evidenciado na pesquisa de FERREIRA (2012) em que elas apareceram em minoria nas reportagens que tratavam a respeito de diversos assuntos, já aqui elas aparecem como maioria, mas justamente em alimentação, assunto que as coloca na cozinha...mas porque não consultá-las quando o assunto for engenharia eletrônica, arquitetura ou astronomia?

Desta maneira, fica evidente que ainda hoje há preconceito de gênero e que as mulheres são tratadas de forma diferenciada a partir do momento em que são consultadas sobretudo como fontes de informação de determinado assunto, restringindo-as e legitimando uma forma de discriminação que durou por muito tempo e que hoje é inadmissível. O fato de ser mulher não a exclui, pelo contrário, de informar sobre todo e qualquer assunto que houver, independentemente de sua natureza. A igualdade entre os sexos está assegurada pela Constituição e é preciso fazê-la valer na prática em todos os meios, inclusive jornalísticos.



## 7. Referências:

- AMARAL, Renata Maria do. Da cozinha à sala de estar: um olhar sobre a gastronomia no jornalismo cultural brasileiro. In: **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. p. 1 – 21. 2006.
- ADELMAN, Mirian. **A voz e a escuta** – Blucher Acadêmico.2009. Cap. 1, 2,3 p. 23-125.
- ASSUNÇÃO, Viviane. Comida de mãe: notas sobre alimentação, família e gênero. In: **Caderno Espaço Feminino (UFU)**, v. 19, p. 233-253, 2008.
- BASTHI, Angélica. **Guia para Jornalistas sobre Gênero, Raça e Etnia**. Brasília: ONU Mulheres; Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ); Programa Interagencial de Promoção da Igualdade de Gênero, Raça e Etnia (Fundo de Alcance dos Objetivos do Milênio, F-ODM), 2011.
- BORTOLIERO, Simone; ROCHA, Márcia. **O jornalismo científico na Bahia** – a experiência da seção “Observatório” do jornal A Tarde. *Ciência&Comunicação*, 2009.
- FERREIRA, M.F. A saúde em notícia na seção Ciência & Vida do jornal *A Tarde*, em 2011: um primeiro retrato da desigualdade de gênero nas fontes e fotos de informações. In: **17º Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre a mulher e relações de gênero** – REDOR, 2012, João Pessoa/Paraíba
- SILIPRANDI, EMMA. Políticas de segurança alimentar e relações de gênero. In: **Cadernos de Debates**. Campinas, SP. v. 11. p. 38-57. 2004.
- SCHIEBINGER, Londa. O choque de culturas. In: **O feminismo mudou a ciência?** Bauru, SP: EDUSC, 2001. p. 137 – 180.
- VOGT, Carlos. A espiral da cultura científica. **Com Ciência**, Campinas/SP, SBPC/Labjor. 2003. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/cultura/cultura01.shtml>>.